



Para além do erótico e do anedótico

O himeneu, de Sylvio Back

Suênio Campos de Lucena*

O escritor e cineasta catarinense Sylvio Back, 82, tem extensa produção no cinema, como ator, diretor e roteirista. Desde a década de 1960, já lançou dezenas de títulos, como *Aleluia*, *Gretchen* (1976); *Cruz e Sousa – o poeta do Desterro* (1999); *Lost Zweig* (2003) e *O universo Graciliano* (2013), entre tantos outros. Como escritor, a lista de títulos também é extensa e contabiliza mais de vinte obras, entre ensaio, crítica, prosa e poesia: *O caderno erótico de Sylvio Back* (1986); *A vinha do desejo* (1994); *Zweig: a morte em cena* (1995); *Cruz e Sousa – o poeta do Desterro* (2000); *Quermesse – obra erótica reunida* (2013) etc. Certamente, uma experiência tem agregado e alimentado a outra.

Recentemente, Sylvio Back lançou *O himeneu* (2019). Trata-se de livro provocador, formado por sete contos em torno de enredos curtos que abordam a sexualidade sempre a partir da quebra de tabus. Em muitos deles, há fartas descrições de gozo, pornografia e, também, eróticas. Em geral, de orientação heterossexual, *O himeneu*, contudo, não deve ser lido ou tratado apenas como livro de contos comuns, pois as histórias se transmudam o tempo todo em abordagens sexuais, mas carregadas de ironia.

* Professor pleno do Curso de Comunicação Social da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) e professor efetivo do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS).

A impressão é de que o leitor pode ser atraído justamente devido a essas descrições sexuais, pois podemos ler Back como se ouvíssemos o cochichar de segredos inconfessáveis de alcova. Aos poucos, porém, iremos perceber que as histórias vão além de relatos sexuais, por isso eis um livro de difícil classificação, uma vez que o erótico se encontra quase sempre a serviço de algo mais denso, como o desvelar de hipocrisias e cinismos históricos. E esse *processo* se realiza quase sempre pelo viés do engraçado, por vezes farsesco, carregado de picardia, o que indica total falta de compromisso com a excitação alheia, algo que segue direção diametralmente oposta a obras como *Cinquenta tons de cinza*, para ficarmos num exemplo de tentativa erótica rasa de *bestseller*. Uma vez que a sexualidade se exerce não apenas via órgãos sexuais, mas, sobretudo, através de fantasias permitidas pela linguagem, Sylvio Back parece ter consciência disso ao ousar e explorar meandros e recônditos do desejo.

Aliás, a epígrafe de Nikos Kazantzakis (1883-1957), escolhida para abrir seu livro (“Não espero nada. Não temo nada. Sou livre”), já indica a dimensão desse projeto, misto de certa descrença somada a um espírito libertário e decerto niilista – sentimentos compartilhados pelo poeta, tradutor, novelista, dramaturgo e filósofo grego, autor de *A última tentação de Cristo*. Publicada em 1948, essa obra de Kazantzakis causou grande polêmica, devido ao tratamento humano dado à figura de Jesus Cristo, algo que iria provocar a excomunhão do escritor em seu país de origem. A frase escolhida por Back como epígrafe consta no epitáfio do escritor grego, e parece resumir e indicar uma direção estética.

O primeiro conto que dá título ao livro, “O himeneu”, demonstra completa ojeriza às instituições e convenções sociais, enfim, ao que é comumente considerado tradicional e, no mais das vezes,

alimentado pela sociedade e pelos sempre citados defensores da moral e dos bons costumes: “Casório suntuoso. Catedral semideserta. Por tudo aquele insuportável cheiro de flores em Dia de Finados. Por que na Catedral? Dá status, idiota” (p. 11). Começa assim *O himeneu* e assim seguem a maioria dos textos, toada cuja quebra de protocolos e paradigmas ostenta a escolha pelo avesso, pelo desacerto, pelo sujo, irônico e anedótico em torno de convenções familiares as quais passamos a vida aprendendo a fim de seguirmos inquestionavelmente. O livro de Back pode servir de referência para quem quer abraçar um caminho exatamente inverso, o da quebra de convenções.

Em muitos momentos, *O himeneu* mais se assemelha a uma espécie de “tiras escritas”, pois é como se estivéssemos lendo histórias em quadrinhos supostamente escritas por um Carlos Zéfiro ou, ainda, por chargistas de conteúdo mais politizado, como Henfil e o contemporâneo Laerte – “árvores genealógicas” literárias marcadas pela franca irreverência, iconoclastia e crítica social e política a que Back deve se alinhar. Não se esquecer da raiz Nelson Rodrigues, autor de peças de teatro repletas de nuances e revelações comezinhas do cotidiano, feroz cronista de costumes de um certo tipo de família carioca e, de resto, brasileira, que almejava ser alçada à burguesia, sobretudo a situada entre o pós-guerra e a ditadura militar.

As sete histórias seguem um fluxo e uma ideia em comum: desvelar o que geralmente não se diz (em público), daí a exploração constante do fluxo de consciência dos personagens, servindo para expor diversas contradições da grande comédia humana que todos integramos. Uns mais, outros menos, isso porque a família literária de Back se aproxima desses nomes acima, mas também vislumbramos parentesco mais afinado ao *underground* do que ao *mainstream* à Machado de Assis, por exemplo. Antes, ele se aproxima de Bocage,

Kaváfis, Charles Bukowski e, no Brasil, de Gregório de Matos e João Ubaldo Ribeiro (*A casa dos budas ditosos*), linhagem que parodia muitas referências e se aproxima de histórias cujas intrigas cotidianas costumam ficar escondidas sob o manto do silêncio ou do risinho fácil e pueril.

Ainda no terreno fértil das muitas referências de que se alimenta o autor, é possível ver sobressair o espírito das vanguardas, da contracultura, que nos remete a um Glauber Rocha e ao seu Cinema Novo, mas que, também, passa pela nostalgia do bom mocismo do iê-iê-iê, da Velha Guarda e do *rock-and-roll*, enfim, que flerta também com o Brasil do tempo da brilhantina, dos fuscas, dos Opalas e dos bailes de debutantes. Back, criador do seu tempo, trata desse universo revelando a hipocrisia das relações humanas, chamadas hoje por Zygmunt Bauman de líquidas, acrescidas, em seu caso, por relações repletas de casos, traições, desvarios, enfim, toda sorte de gente interesseira, mesquinha, drogada, sofrida, perturbada – e felizmente divertida.

Raras vezes Back apela à piada gratuita. Trata-se de um texto em que, apesar de tentar mais mostrar do que ocultar, e não ser exatamente sutil, há narrações com muita *mise-en-scène*, falso *glamour*, espécie de *noir underground* à luz do dia, que não apela para o anedótico fácil, nem cai na estereotipia, mesmo quando o narrador de alguns desses contos ri da elite emergente que persegue e inveja o suposto refinamento da aristocracia que, por sua vez, ri dos excluídos.

Se *O himeneu* se destaca por narrações simples, enredos breves, enxutos e sem volteios e subterfúgios linguísticos, também há em quase todas as narrativas um teor irônico que perpassa as descrições. Isso porque, mais do que excitações, a intenção parece ser

revelar embustes, hipocrisias, cinismos e relacionamentos repletos de mentiras.

De qualquer forma, em tempos como este, um 2020 marcado pela prática de grupos extremamente conservadores, que parecem propor uma caça às bruxas similar ao macarthismo (onda da extrema direita norte-americana que acusava artistas e intelectuais supostamente contrários à moral e à tríade “tradição, família e propriedade”), nada mais atual e apropriado do que um livro como este, que explora o comportamento humano a partir dos seus muitos desejos, sonhos e delírios.

O himeneu revela muito do tempo sombrio que estamos vivendo. São sete histórias sobre o cotidiano e relações humanas carregadas de prazer, mas, também, de dor, sortilégio e subterfúgio, como é o caso de “Madá 7.0”, história cujo narrador rememora uma antiga paixão, enquanto se depara com o envelhecimento, a perda e a degenerescência física inevitáveis. Já “Os peitões de Jane Russel” segue o modelo gráfico e estilístico de um roteiro de longa-metragem. A ideia é homenagear o cinema e suas divas à *La dolce vita* ou o puro *Cinema Paradiso*, filme italiano que mantém conexão com o sonho, mas, igualmente, com a perda, a melancolia do avançar dos anos – eis uma das senhas de entendimento desses textos: Back embaralha o tempo todo as forças de Eros e Tânatos (Sigmund Freud). Segundo a Mitologia Grega, existe uma clássica desordem entre essas duas pulsões – Eros, o Deus do Amor; e Tânatos, da Morte.

Embora haja muita sensualização, termos e descrições de órgãos sexuais, é bom que se diga que há também em *O himeneu* uma melancolia renitente que gira em torno não apenas das pulsões do amor, do sexo e da morte, mas também da sôfrega busca do “paraíso perdido” (a infância). Daí vir à mente o fato de os narradores desses

contos, antes de serem *alter ego* do autor (o que pouco importa), parecerem realçar o “garoto amarcordiano” (*Amarcord*, de Federico Fellini), jovem imberbe, menino/adolescente que se encontra na transição à idade adulta, ávido por se libertar da educação castradora que o proibiu de exercer plenamente sua sexualidade.

Mas a garota também é contemplada, pois alguns textos se referem a moças lindas, sorridentes, puras e igualmente desejadas. Qual *Engraçadinha* (Nelson Rodrigues), o conto “Menina linda” retoma esse tempo perdido – e nunca reencontrado; assim também age Lívio, do conto “Antes das cinco”. A realidade parece sempre *engolir* os narradores de *O himeneu*; por isso, eles/as contam em detalhes tudo o que lhes acontece (pormenores, descrições, atos sexuais etc.), tão absurda e risível é a condição humana.

Ao narrar essas peripécias, o autor realiza uma literatura de teor coloquial, direta, concisa, por vezes dura, mas que reverbera e empodera o falar popular com suas piadas, seu escárnio, expressões, ditos e provérbios sem nenhum escamoteamento. É por isso que os personagens de *O himeneu* evitam o asséptico e não dispensam o feio, o risível, o sujo, o grotesco. Ou seja, a linguagem do livro é explícita, a fim de dar conta do sexo explícito, mas, sobretudo, das fantasias e desejos desfiados pelo rosário backiano de confissões de moçoilas pudicas e rapazes púberes sem meio termo, as quais revelam a psiquê brasileira de como funcionam as relações sexuais, sob o pesado manto das nossas convenções religiosas e familiares.

Nada em *O himeneu* é gratuito ou feito para chocar. Isso porque o ar de revelação (denúncia?) paira além do escracho, do erótico, do pornográfico e do anedótico, uma vez que há descrições que estão aí para expor o outro lado do desejo: vide Gore Vidal, em seu ensaio “Sexo é política” (*De fato e de ficção*). Pelo menos, aparentemente, é isso o que Sylvio Back parece nos dizer o tempo todo: sexo é política.